

**Dramaturgia de *Quixote* — um estudo sobre o processo de construção do texto teatral inspirado na obra *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes**

**Júlio César Viana Saraiva (UFMG)**

“Dostoievski assim avaliava esse romance: Em todo o mundo não há obra mais profunda e pungente. É, por ora, a última e a mais grandiosa palavra do pensamento humano, a mais amarga ironia que o homem já foi capaz de expressar, tanto que se a terra deixasse de existir e se em algum lugar perguntassem ao homem: ‘como é, você entendeu a sua vida na terra, que conclusões tirou?’ o homem poderia mostrar o Dom Quixote e responder sem palavras: ‘Eis minha conclusão sobre a vida; será que por ela os senhores poderão me julgar?’”

Mikhail Bakhtin. *Problemas da poética de Dostoievski*.

Durante dois anos, a cia. teatral 4comPalito se debruçou sobre a árdua tarefa de transpor a obra *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, para um texto teatral, visando a uma montagem de espetáculo. O processo iniciou-se através de estudos bibliográficos e análise crítico-reflexiva sobre autor e obra e, tanto a dramaturgia textual quanto a encenação, foram livremente elaboradas a partir de discussões coletivas entre a equipe envolvida e propostas laboratoriais dos atores do grupo e do dramaturgo.

Questões que permaneceram muito presentes durante o processo de construção da dramaturgia, problematizaram (e problematizam) o lugar, o caminho e as ferramentas metodológicas do dramaturgo dentro desse trabalho: De que maneira transpor a linguagem textual cervantina para nossa contemporaneidade, buscando uma identificação e diálogo com nosso lugar de enunciação? Como transformar

estruturas narrativas literárias em ações cênicas? Quais elementos da obra literária devem ser escolhidos e/ou privilegiados durante o processo de tradução intersemiótica e quais devem ser excluídos da proposta de encenação?

A partir de perguntas como estas, a dramaturgia é desenvolvida e revisitada/ reconstruída constantemente, uma vez que o texto, no caso de *Quixote*, foi escrito paralelamente à construção da encenação.

Trabalhar de forma paralela e conjunta à encenação estabelece um exercício constante de generosidade, escuta, filtragem e proposição, gerando uma dramaturgia híbrida, de múltiplas assinaturas. Ao se analisar o texto final, fica muito difícil determinar a autoria e origem dos elementos contidos. Sabe-se que a base para a criação foi a obra canônica de Cervantes, mas como localizar/ contextualizar esse novo produto artístico, esse novo texto? As palavras “inspirado em”, “adaptado de”, “transposto”, “transformado”, “traduzido”, “transcrito”, aproximam-se de uma possível “nomenclatura”. Mas precisar essa nomeação torna-se uma tarefa cada vez mais complicada.

Essa questão de original e cópia é um tópico recorrente quando se discute sobre a prática da tradução. A meu ver, a tradução, como afirma Walter Benjamim, é uma forma e para aprendê-la temos que voltar ao original. Entretanto, esse *voltar ao original* deve ser visto como uma maneira de dialogar, de trazer o texto de origem ao momento enunciativo da sua tradução, uma vez que o tradutor não deve deixar de lado todas as suas vivências ao se deparar com o texto *original* (ALEXANDRE, 2002, p. 110).

A partir dessa colocação, me deparo, novamente, com a questão da autoria em processos teatrais de caráter compartilhado, colaborativo — em que a criação cênica é feita de maneira paralela e transversal; em que o dramaturgo/ ator/ diretor dialogam entre si, influenciando diretamente no processo de criação de cada um. Como dramaturgo/ dramaturgista do projeto da 4comPalito, experienciei diversas situações durante a construção textual, que reafirmaram o caráter híbrido e polifônico

desse processo, em que o texto de Cervantes é “trazido ao momento enunciador do trabalho”, como diz Marcos Alexandre, em seu artigo.

Analisemos o seguinte exemplo ocorrido durante a construção de *Quixote*:

Na obra de Cervantes, a passagem da luta entre Dom Quixote e os moinhos de vento aparece de forma grandiosa, em tom “épico”, composta por uma paisagem de campos e colinas, trinta ou quarenta moinhos de vento e tamanho geográfico suficiente para a realização de uma cavalgada do nosso cavaleiro, repleta de diálogos com seu escudeiro Sancho Pança, que culmina no desfecho tragicômico de nosso “herói”, sendo lançado pelos campos afora, juntamente com seu cavalo.

Mas como transporíamos/ traduziríamos essa passagem para uma cena teatral condizente com a proposta estética, conceitual, do espetáculo? Quais pontos presentes na obra cervantina deveriam ser reafirmados, colocados como base constituinte da criação cênica? Como apresentaríamos a “situação”, com toda sua complexidade de elementos, utilizando os atores como eixo central da cena? Ou ainda: a passagem escolhida possui elementos potenciais para a encenação, levando-se em conta os recursos humanos, financeiros e logísticos disponíveis? Para o grupo: sim.

Iniciou-se, então, o processo laboratorial propositivo, em que várias idéias foram surgindo: trabalhar com sombras; utilizar projeções videográficas; interagir com o espaço físico arquitetônico; manipular bonecos; criar um coro de atores que alternariam narrações, corporificações físicas dos personagens presentes (cavaleiro, escudeiro, cavalo, burro, moinho e vento) e falas dos dois personagens; dentre outras. Depois de inúmeros experimentos práticos, reflexões, discussões, construções e desconstruções, chegamos à seguinte proposta: três atores interpretariam três personagens — Quixote, Sancho e Moinho —, privilegiando-se esse jogo cênico triangular, calcado em ações físicas. Procuraríamos “estabelecer” um texto que intensificasse a ambigüidade — elemento recorrente na obra — entre os

protagonistas e suas percepções/ pensamentos sobre a jornada que haviam acabado de iniciar. O tom “épico grandioso” da cena seria instaurado através da trilha sonora e da iluminação. Assim, chegou-se ao seguinte resultado textual:

([...] enquanto Sancho tece seu comentário, Quixote começa a ouvir um som agudo e alto, parando de andar. Surge a atriz/ moinho de vento enquanto o som vai aumentando. Quixote ajoelha-se, admirado com o que vê. Sancho nada entende).

Quixote: Veja, Sancho! Bem no início de nossa jornada: um gigante!

Sancho: (Sancho se assusta) Um gigante? Aonde, senhor?

Quixote: Ali, Sancho: com os braços enormes e abertos, rodopiando-os no ar.

Sancho: (constatando os moinhos) Olhe bem, senhor: “aquilo” não são gigantes e sim moinhos de vento. E o que o senhor pensa que são braços, na verdade são as pás dos moinhos. (começa a rir e zombar da situação)

Quixote: (enquanto Sancho fala, caminha em direção ao moinho, quase hipnotizado).

(A música aumenta. No meio da cena, acontecem intervenções de falas).

Moinho/ Gigante: Vem Quixote, vem!

(Quixote encaminha-se para o moinho. No meio do trajeto, percebe o riso zombador de Sancho. Num misto de orgulho, bravura e desespero, desembainha a espada)

Quixote: Ainda que movam mais braços do que o gigante Briareu, não de me pagar!

(Quixote começa a dar cutiladas no ar, lutando com seu gigante fantasioso. Sancho assusta-se com a atitude de seu amo e observa-o, de longe. Acontece a luta entre cavaleiro e gigante/ moinho, culminando na queda de Quixote. Sancho vai de encontro a ele, enquanto o moinho desaparece de cena)

Sancho: Não disse senhor, que eram moinhos e não gigantes?

Quixote: (saindo do estado hipnótico) Bem se vê que você nada entende de assunto de aventuras. São as coisas da guerra: de todas, as mais sujeitas a contínuas mudanças. (analisando) O que eu creio é que... algum feiticeiro, inimigo meu, transformou estes gigantes em moinhos, só para me desmoralizar. Mas pouco há de valer suas más artes contra a bondade da minha espada! Ai!

Sancho: Calma, senhor! Vê se toma um pouco d'água, que o senhor não me parece nada bem. (dá água na boca de Quixote)

Quixote: É verdade, Sancho! E se não me queixo da dor é porque, aos cavaleiros andantes, não é permitido lastimarem-se das feridas da batalha, ainda que por elas lhe saiam as tripas! Ai!

Sancho: Já eu, me doendo seja o que for, hei de berrar até a morte...<sup>1</sup>

Se compararmos essa cena com a mesma passagem no livro de Cervantes, veremos diversas diferenças: falas foram modificadas, retiradas, mudadas de posição, ou criadas; a seqüência de acontecimentos também sofreu alterações, em prol da dinâmica da “cena”, de seu melhor fluxo dramático; novas ações surgiram, como a de Sancho dando água na boca de seu amo; o combate entre o cavaleiro e o moinho de vento foi simbolizado a partir de ações físicas de Dom Quixote, realizadas em velocidade lenta. Além disso, no texto teatral, o moinho/ gigante possui falas, enfatizando o caráter duplo de sua personagem, variando entre o realismo do objeto inanimado e a projeção fantasiosa advinda da cabeça de nosso cavaleiro andante. A cena, então, acaba por conter elementos “trágicos” e elementos “cômicos”, variando de aspectos “absurdos” a “triviais”, do tom “elevado” ao “baixo”, da “loucura” à “lucidez”, do “pastiche” ao ato “heróico”.

Talvez, em lugar de ater-se exclusivamente às categorias do trágico e do cômico ao se tratar do *Quixote*, o mais acertado seja incorporar as múltiplas perspectivas que permitem reconhecer os vieses mais paradoxais de sua existência. A visão distanciada — engrenagem essencial do humor cervantino — é imensamente tolerante, sendo capaz de compreender, por exemplo, que o elevado e o sublime podem converter-se em loucura e que a loucura, em algum momento, pode tornar-se heróica (VIEIRA, 2005, p. 64).

Outro aspecto fundamental para a realização desse processo foi assumir o caráter experimental, parcial e fragmentado da construção cênica.

A obra de Cervantes contém uma gama infinita de elementos a serem analisados, trabalhados, redescobertos. Admitir a “impossibilidade” de uma transposição da obra que buscasse uma abrangência, uma leitura, uma descrição total, se fez um “óbvio” primeiro passo. A partir disso, seguimos com as seguintes questões: O que escolher, nessa imensidão de elementos? Qual *Quixote* iremos

mostrar? Qual a nossa leitura perante a obra? Como apresentá-la em nosso local de enunciação?

Como premissa, optamos por apresentar uma espécie de “pequeno resumo”. Localizamos e definimos o seguinte eixo dramaturgico: casa de Alonso; consagração em cavaleiro; partida junto com o escudeiro Sancho; queima dos livros da biblioteca de Alonso; seqüência de aventuras “cavaleirescas”; encantamento de Dulcinéia; chibatadas de Sancho; retábulo de Mestre Pedro; luta com o cavaleiro da Branca Lua; derrota e retorno para casa de Alonso; adoecimento de Quixote culminando em sua morte.

Com o decorrer do processo, verificamos que alguns arremates e “licenças poéticas/ dramaturgicas” seriam necessários. Um de nossos desejos era que a dramaturgia e a encenação contivessem alguns aspectos de metalinguagem — elemento presente na obra literária. Assim, reconstruímos a cena do retábulo de mestre Pedro, sob esse viés: a apresentação do teatro de bonecos seria calcada na própria história de Dom Quixote, representando passagens ocorridas durante a apresentação da peça. Além disso, nosso protagonista descobriria que seria derrotado num duelo de espadas e obrigado a abandonar a vida de cavaleiro, retornando para sua casa, onde morreria pouco tempo depois.

Outra opção na construção textual foi reforçar a característica simples, provinciana, popular, de Sancho Pança, criando e re-elaborando diálogos entre ele e sua esposa, Tereza. Por exemplo: em meio ao episódio da cova de Montesinos, enquanto Quixote se aventura em seu interior, Sancho cochila, esperando-o, e tem um sonho com Tereza, no qual reflete sobre sua condição de escudeiro e revela o motivo principal de ainda continuar seguindo seu amo: a promessa de governar uma ilha. Vemos um Sancho caminhando entre a “ingenuidade” e a “ganância”, sempre pontuado pela comicidade, pelo aspecto cômico e grotesco de seu personagem.

[...] como tema principal do *Dom Quixote* aquele conflito entre ilusão e a realidade, a poesia e o prosaísmo da vida, a sanidade e a loucura, o erótico e o ridículo, o visionário e o escatológico, mas nenhum deles conseguiu chegar à suprema conciliação desses pólos antitéticos, que na obra de Cervantes somente se dá através do humor, pois o humor outra coisa não é senão o recurso que harmoniza o diálogo entre o tom elevado e idealista do pensamento de Dom Quixote e o registro prosaico e utilitário das ponderações de Sancho Pança... (JUNQUEIRA, 2005, p. 51).

Analisando, tanto o trabalho de construção da escrita quanto o resultado final, podemos dizer que o texto dramaturgic *Quixote* é diretamente ligado, proponente e resultante do processo de construção espetacular. Sua elaboração partiu e se deu em constante fluxo e refluxo, ação e reação, proposta e resposta, numa total multilateralidade, completamente inserida num contexto coletivo, compartilhado.

Analisar o texto separadamente da encenação é um exercício rico e válido. Mas, certamente, um exercício incompleto, parcial, com grande perigo de “desvirtualização” do objeto, de incompletude na análise de seus significados.

Assim como, para um maior e melhor entendimento da obra *Dom Quixote de la Mancha*, é fundamental conhecer Miguel de Cervantes, para se compreender a proposta do texto teatral *Quixote*, torna-se necessário assistir ao espetáculo.

Novamente, o duplo se apresenta.

Herança “quixotesca”? Talvez...

A gente tem de partir do princípio de que as exigências e as expectativas que se aplicam ao processo convencional, não se aplicam esse tipo de trabalho. [...] Faz parte desse trabalho a exclusividade do texto para uma montagem específica. Pertenceu a um determinado momento da história deles; é o aspecto da transitoriedade, do instantaneísmo (MICHALSKI, 1982, p. 125).

## Referências

ALEXANDRE, Marcos Antônio. *Performance*, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais. (Tradução e/ou adaptação para o teatro: texto escrito e texto performático).

In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Orgs.). Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras (Pós-Lit/ UFMG), 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*. Porto Alegre: Ed. Pradense, 2003.

JUNQUEIRA, Ivan. Dom Quixote: 400 anos de paixão. In: MONTE, Sílvia *et al.* (Orgs.). *Cervantes e literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EMERJ, 2005.

MICHALSKI, Yan. Yan Michalski e a criação coletiva no Brasil. *Revista Tá na Rua*, v. 1, p. 124-128, 2008.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. *O dito pelo não-dito: paradoxos de Dom Quixote*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

## **Nota**

---

<sup>1</sup> Trecho extraído do texto dramático *Quixote*, criação coletiva do grupo teatral 4comPalito, cuja estréia ocorreu em abril de 2008, no teatro Francisco Nunes, em Belo horizonte/ MG.